

Análise Conjuntural

ISSN 0102-0374

IPARDES
Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

Curitiba, v.40, n.1-2, janeiro/fevereiro 2018

sumário

- 3 ASPECTOS DA RECUPERAÇÃO DO EMPREGO
Daniel Nojima
- 8 A INDÚSTRIA PARANAENSE EM 2017
Guilherme Amorim
- 11 AS EXPORTAÇÕES DAS COOPERATIVAS PARANAENSES
Guilherme Amorim
- 14 PARANÁ - DESTAQUES ECONÔMICOS
Guilherme Amorim
- 16 ECONOMIA PARANAENSE - INDICADORES SELECIONADOS

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

CARLOS ALBERTO RICHA - Governador

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

JURACI BARBOSA SOBRINHO - Secretário

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

JULIO TAKESHI SUZUKI JÚNIOR

Diretor-Presidente

ARISTIDES RODRIGUES DO PRADO NETO

Diretor Administrativo-Financeiro

DANIEL NOJIMA

Diretor do Centro de Pesquisa

FRANCISCO JOSÉ GOUVEIA DE CASTRO

Diretor do Centro Estadual de Estatística

ANÁLISE CONJUNTURAL

GUILHERME AMORIM (*Editor*)

EDITORAÇÃO

MARIA LAURA ZOCCOLOTTI (*supervisão editorial*)

CLAUDIA ORTIZ (*revisão de texto*)

ANA RITA BARZICK NOGUEIRA (*editoração eletrônica*)

NATÁLIA VICENTE MONTANHA TEIXEIRA (*normalização bibliográfica*)

STELLA MARIS GAZZIERO (*projeto gráfico*)

ASPECTOS DA RECUPERAÇÃO DO EMPREGO

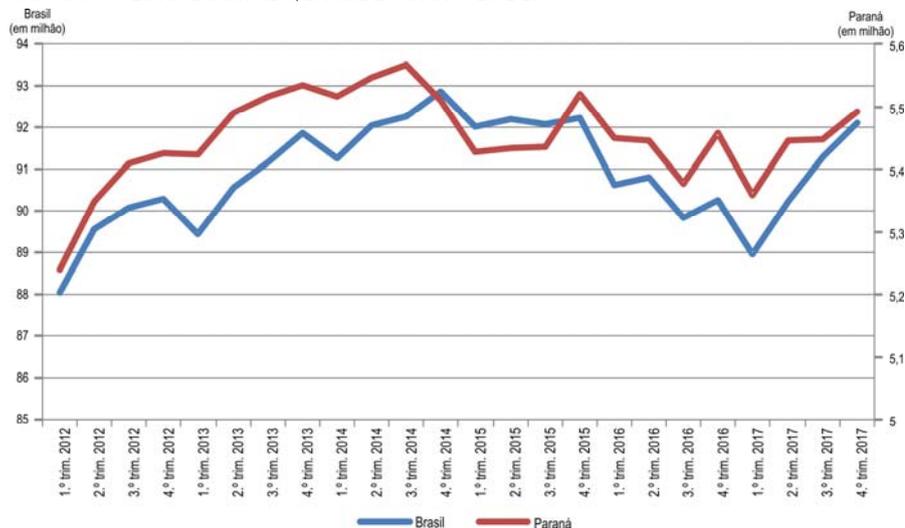
Daniel Nojima*

Os últimos indicadores do mercado de trabalho brasileiro confirmam sua trajetória de progressiva recuperação. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) registrou taxa de desocupação de 11,8% da força de trabalho no quarto trimestre de 2017, a menor desde o pico de 13,7% alcançado no primeiro trimestre daquele ano, em pleno ambiente de crise econômica. Pelo critério de trimestre móvel, a taxa alcançou 12,2% no referente ao período novembro de 2017 a janeiro de 2018 – inferior aos 12,6% do mesmo trimestre de 2016.

Por sua vez, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho e Emprego, após dois anos de queda ininterrupta em termos anuais, indica um saldo ainda negativo de 20,8 mil contratações com relação ao ano anterior – o que significa, contudo, uma espécie de empate técnico entre demissões e admissões, quando considerado em termos relativos, tendo em vista representar variação de -0,05% no fechamento do exercício com relação a 2016.

A despeito de sinais positivos em outros indicadores da economia nacional relativos a demanda, produção e preços, a lenta queda da desocupação deriva da ainda insuficiente recuperação dos patamares de emprego observados no período pré-crise e, daí, da geração de novos postos de trabalho – importantes para a oferta de força de trabalho, que, entre outras razões, permanece em expansão segundo o ritmo de crescimento demográfico nacional (gráfico 1). Não por acaso, os patamares de remuneração revelam-se praticamente estagnados, com o rendimento médio habitual alcançando R\$ 2.154 no último trimestre conforme a PNAD-C, valor, em termos reais, inferior ao de dois anos e meio antes, registrados na série histórica da PNAD-C.

GRÁFICO 1 - PESSOAL OCUPADO, BRASIL E PARANÁ - 2012-2017



FONTE: IBGE/PNAD

Conforme já observado por especialistas, tanto o amortecimento do desemprego nos primeiros meses da crise iniciada em 2014 como a própria recuperação em curso do mercado de trabalho derivam em boa medida das ocupações daqueles que atuam em regime de “conta própria”, conforme taxonomia aplicada pelo IBGE, em paralelo ao ritmo ainda lento de expansão dos empregos ditos formais.

Em revisão e atualização desse tema, a elaboração proposta abaixo, com dados da PNAD-C, possibilita confirmar a continuidade dessa trajetória, além de apontar traços

* Economista, diretor do Centro de Pesquisa do IPARDES.

adicionais, a partir da separação das informações de ocupação entre aquelas com registro em carteira de trabalho, do setor público, de pequenos empregadores e conta própria, e um grupo de ocupados sem registro em carteira, adicionados àqueles em trabalho de regime familiar (tabela 1).

TABELA 1 - COMPOSIÇÃO (%) DA OCUPAÇÃO, BRASIL E PARANÁ - 2014-2017

COMPOSIÇÃO DA OCUPAÇÃO (%)					
BRASIL					
PERÍODO	Com carteira	Setor público	Conta própria e empregadores	Sem carteira e trabalhador familiar auxiliar	Total
3.º trim. 2014	39,7	12,5	29,4	18,3	100,0
4.º trim. 2014	39,3	12,5	29,7	18,5	100,0
1.º trim. 2015	39,2	12,3	30,2	18,3	100,0
2.º trim. 2015	38,9	12,4	30,3	18,3	100,0
3.º trim. 2015	38,5	12,5	30,6	18,4	100,0
4.º trim. 2015	38,4	12,3	31,4	18,0	100,0
1.º trim. 2016	38,2	12,1	32,1	17,6	100,0
2.º trim. 2016	37,9	12,4	31,6	18,0	100,0
3.º trim. 2016	38,0	12,6	31,1	18,3	100,0
4.º trim. 2016	37,7	12,5	31,3	18,6	100,0
1.º trim. 2017	37,6	12,2	31,6	18,6	100,0
2.º trim. 2017	36,9	12,5	31,7	18,9	100,0
3.º trim. 2017	36,5	12,6	31,8	19,2	100,0
4.º trim. 2017	36,2	12,5	32,0	19,4	100,0
COMPOSIÇÃO DA OCUPAÇÃO (%)					
PARANÁ					
PERÍODO	Com carteira	Setor público	Conta própria e empregadores	Sem carteira e trabalhador familiar auxiliar	Total
3.º trim. 2014	44,7	11,1	28,5	15,7	100,0
4.º trim. 2014	45,0	10,7	28,4	15,9	100,0
1.º trim. 2015	44,3	10,5	29,2	15,9	100,0
2.º trim. 2015	44,6	10,9	29,2	15,3	100,0
3.º trim. 2015	44,0	10,8	29,7	15,4	100,0
4.º trim. 2015	43,9	10,9	30,3	14,9	100,0
1.º trim. 2016	43,8	11,0	30,5	14,7	100,0
2.º trim. 2016	44,0	11,2	29,8	15,0	100,0
3.º trim. 2016	43,0	11,2	30,2	15,5	100,0
4.º trim. 2016	42,6	11,3	30,2	15,8	100,0
1.º trim. 2017	42,4	11,0	30,9	15,7	100,0
2.º trim. 2017	41,9	11,2	31,2	15,7	100,0
3.º trim. 2017	41,2	11,2	32,1	15,5	100,0
4.º trim. 2017	40,4	11,2	31,7	16,8	100,0

FONTE: IBGE/PNAD-C

Levando-se em conta o baixo dinamismo da economia nacional, a leitura da tabela 1 aponta a busca por emprego e renda ocorrendo pela via de abertura de pequenos negócios e trabalhos autônomos, a ponto de a parcela de trabalhadores por conta própria e empregadores no Brasil elevar sua participação, desde o último semestre de 2014, em mais de 2 pontos percentuais. Em menor intensidade, o emprego também se ampliou entre aqueles sem carteira e trabalhador familiar auxiliar. Em que pese o mencionado processo de recuperação do emprego capturado pelo CAGED, o emprego com carteira assinada perde importância relativa.

Nessa linha, a tabela 2 revela ainda que a ampliação das atividades por conta própria e de empregadores vem sendo capitaneada por iniciativas no setor de serviços, que em âmbito

nacional respondiam por 26,5% do emprego ao final de 2014, e no encerramento de 2017 representaram cerca de 30% do emprego nessas categorias de ocupação. Em complemento, dados do IBGE apontam para movimentos de saída do trabalho das atividades agrícolas, cuja participação declina de um patamar de 22% para menos de 20% no último ano.

TABELA 2 - COMPOSIÇÃO DO PESSOAL OCUPADO COMO CONTA PRÓPRIA E EMPREGADO SEGUNDO GRUPAMENTOS DE ATIVIDADE, BRASIL E PARANÁ, 2014-2017

COMPOSIÇÃO (%)					
BRASIL					
TRIMESTRE	Agro-pecuária ⁽¹⁾	Indústria Geral e Construção	Comércio e reparação de veículos ⁽²⁾	Serviços ⁽³⁾	Total
3.º trim. 2014	18,7	25,5	23,4	26,6	100,0
4.º trim. 2014	18,2	26,0	23,4	26,5	100,0
1.º trim. 2015	18,4	25,8	23,5	26,4	100,0
2.º trim. 2015	18,2	25,1	23,7	27,2	100,0
3.º trim. 2015	17,7	25,3	23,9	27,0	100,0
4.º trim. 2015	17,6	25,8	23,7	26,7	100,0
1.º trim. 2016	18,0	25,1	23,5	26,9	100,0
2.º trim. 2016	17,9	24,7	23,7	27,6	100,0
3.º trim. 2016	17,0	24,2	23,9	28,5	100,0
4.º trim. 2016	16,6	23,9	24,1	28,9	100,0
1.º trim. 2017	16,1	24,2	23,5	29,8	100,0
2.º trim. 2017	15,7	23,8	24,0	29,8	100,0
3.º trim. 2017	15,2	23,8	23,8	30,6	100,0
4.º trim. 2017	14,7	24,4	23,9	30,5	100,0

COMPOSIÇÃO (%)					
PARANÁ					
TRIMESTRE	Agro-pecuária ⁽¹⁾	Indústria Geral e Construção	Comércio e reparação de veículos ⁽²⁾	Serviços ⁽³⁾	Total
3.º trim. 2014	20,4	27,7	22,0	25,3	100,0
4.º trim. 2014	20,4	27,7	22,3	24,5	100,0
1.º trim. 2015	19,8	27,0	22,5	25,5	100,0
2.º trim. 2015	19,2	26,8	22,1	26,0	100,0
3.º trim. 2015	19,0	28,4	20,5	26,3	100,0
4.º trim. 2015	20,0	27,5	22,0	24,7	100,0
1.º trim. 2016	20,7	26,6	22,3	24,9	100,0
2.º trim. 2016	20,5	26,1	22,7	25,0	100,0
3.º trim. 2016	21,0	25,2	22,6	25,2	100,0
4.º trim. 2016	19,7	26,3	23,6	25,5	100,0
1.º trim. 2017	19,0	25,5	23,6	26,8	100,0
2.º trim. 2017	19,3	26,0	22,4	26,3	100,0
3.º trim. 2017	19,4	26,1	21,5	27,6	100,0
4.º trim. 2017	18,0	25,9	22,3	28,4	100,0

FONTE: IBGE/PNAD-C

- (1) Corresponde ao grupamento de atividade Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura.
(2) Corresponde ao grupamento de atividade Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas.
(3) Corresponde à junção dos grupamentos de atividade transporte, armazenagem e correio, alojamento e alimentação, Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas, Administração pública, defesa e seguridade social, Educação, saúde humana e serviços sociais, outros serviços e serviços domésticos.

Nesse período, o Paraná seguiu tendências semelhantes, ainda que com particularidades quanto a aspectos mais estruturais. Sua taxa de desocupação é significativamente menor à média nacional, tendo alcançado no auge 10,3%, e seu nível mais baixo até o momento, de 8,3%, respectivamente no primeiro e quarto trimestres do ano passado. Além disso, observa menores indícios de informalidade com relação à média nacional, com a parcela de trabalhadores sem registro em carteira e de trabalhadores em

regime familiar sendo, em média, 3% inferiores à capturada em âmbito nacional, segundo a tabela 1. A par disso, o mercado de trabalho regional também apresenta parte de sua recuperação apoiada no emprego com carteira, particularmente registrada no saldo positivo de cerca de 12 mil empregos registrado pelo CAGED para o ano de 2017, e no perfil de ocupações por conta própria e de empregador.

Também nesse quesito, o Estado segue a tendência nacional de ter o setor de serviços como foco de escolha dos trabalhadores por conta própria e empregadores, e de, ao mesmo tempo, observar queda das ocupações agrícolas (tabela 2). Nessas últimas, o declínio menos pronunciado que o observado para o País decorre da importância da agropecuária na economia estadual.

O aparente estancamento do fechamento de vagas e subsequente retomada do emprego formal, observados tanto no Estado quanto no País a partir do segundo semestre de 2017, indicam a transição de um período de ajustamento de produtividade do trabalho para outro de ampliação da produção baseada em elevação do uso da capacidade instalada no presente ano. Esse prognóstico é reforçado pela perspectiva de expansão da economia brasileira em 2,89% em 2018, conforme expectativas de mercado coletadas pelo Banco Central, referentes à última semana de fevereiro. Nesse contexto, será possível divisar um retorno do protagonismo do emprego formal, com ampliação gradativa do processo de reabertura de vagas ao longo do ano. Mesmo assim, a recuperação do emprego como um todo deve permanecer em ampliação moderada, de modo a observar-se ao final de 2018 taxas de desocupação ainda em patamares elevados.

A Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física, do IBGE, em sua versão regional, apontou crescimento de 4,4% da indústria paranaense em 2017. Caso se considere apenas a indústria de transformação e se exclua dos resultados a indústria extrativa, foi o segundo melhor resultado do País – a expansão do setor em Santa Catarina foi de 4,5%. Entre os treze ramos investigados pela pesquisa, nove apresentaram expansão: bebidas (4,6%), produtos de madeira (4,0%), celulose, papel e produtos de papel (2,8%), borracha e material plástico (5,1%), minerais não metálicos (8,2%), produtos de metal (1,3%), máquinas e equipamentos (33,6%), veículos automotores, reboques e carrocerias (16,4%) e móveis (3,8%).

A arrecadação do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) de bebidas aumentou 5,34%, em valores correntes, entre 2016 e 2017. O setor beneficiou-se da recuperação do mercado interno, em particular do ciclo desinflacionário amparado pelos contidos preços de alimentos.

A contribuição do mercado externo para a indústria madeireira transpareceu na maioria dos produtos a ela associada. Destacam-se as vendas inéditas de madeira serrada de pinus com espessura superior a seis milímetros, que amontaram 368,2 mil toneladas. Os Estados Unidos foram seu principal destino, com relevantes volumes embarcados para México, China, Vietnã, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Tailândia. As mais importantes mercadorias dessa indústria na pauta de exportação paranaense são as madeiras compensadas com espessura não superior a seis milímetros. Foram despachadas 736,4 mil toneladas, volume 16,3% superior ao de 2016. Houve, ainda, significativos aumentos na comercialização de portas, painéis *oriented strand board*, MDF e outras madeiras compensadas.

O estímulo externo à produção de papel e celulose resultou de incrementos nos embarques de pasta celulósica. A maioria dos produtos de papel apresentou estagnação ou retração nas quantidades embarcadas. Em 2017, o valor da exportação paranaense de celulose superou a de papel pela primeira vez, com variação de 79,3% em relação aos negócios do ano anterior. A China foi o principal destino dessas mercadorias, com 58,0% do montante aferido. Ressalte-se que o complexo da Klabin em Ortigueira (Região Centro-Oriental do Estado) passou a operar à plena capacidade este ano.

Os produtos de borracha e material também receberam impulso da demanda externa, com expansões nas quantidades exportadas da maioria dos bens do segmento. Embora a exportação de pneus para automóveis tenha caído 29,7%, foi mais do que compensada pela de pneus para caminhões e ônibus, sem precedentes na pauta do Estado. Nesse ramo industrial, ainda cabe destacar a elevação anual dos embarques de chapas de polímeros de etileno (34,8%), dispositivos para fechar recipientes (55,5%), engradados de plástico (50,7%) e fios de polímeros de cloreto de vinila (38,6%).

As exportações do setor de minerais não metálicos foram, outrossim, elementos importantes em seu aumento de produção. Sobressaíram-se as vendas de ladrilhos e placas para pavimentação ou revestimento, mercadorias que até o ano passado tinham participação insignificante no rol das comercializadas internacionalmente. Seu principal mercado consumidor foram os Estados Unidos, que experimenta recuperação da construção civil. Em 2017, houve aumento de 7,4% no número de autorizações de construção requeridas, de acordo com o United States Census Bureau.

O crescimento do ramo de produtos de metal também pode ser creditado à sua inserção internacional. A queda do nível de atividade na construção civil nacional atinge essa

* Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

indústria sobremaneira, e a exportação tem sido, tradicionalmente, sua válvula de escape. A elevação das exportações abrangeu a maior parte dos bens nela compreendidos, com destaque para as chapas, barras, perfis, tubos e semelhantes, próprios para construções, de ferro fundido, ferro ou aço. Mais significativos produtos de metal da pauta, sua quantidade embarcada quase dobrou em relação à de 2016 (variação de 96,9%). Seu principal destino foi o Panamá, país em que grandes investimentos em infraestrutura têm sido realizados nos anos recentes.

As vendas de móveis ao exterior, de forma geral, não registraram desempenho crescente em relação a 2016, embora algumas de suas mercadorias associadas tenham elevado sua participação, tanto em volume como em valores negociados. O melhor exemplo é o de assentos estofados com armação de madeira, que apresentaram expansões de 20,6% na quantidade e 57,4% no montante percebido com exportações.

O ramo de máquinas e equipamentos paranaense cresceu em virtude da performance do segmento de tratores e colheitadeiras. A maior parte dessa produção foi absorvida pelo mercado interno, mas houve contribuição relevante da demanda internacional. Dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA) revelam que o Paraná respondeu por 29,8% das 55.055 máquinas agrícolas e rodoviárias montadas no País em 2017. No ano anterior, foi responsável por 21,7% das 54.072 unidades fabricadas. Segundo informações da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), órgão do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), o número de colheitadeiras exportadas literalmente dobrou: foram 373 em 2016 e 746 em 2017. A quantidade de colheitadeiras combinadas com debulhadoras exportadas também se elevou significativamente (59,7%). Sobressaíram-se, ainda no segmento de maquinário agrícola, as vendas de semeadores-adubadores, de plantio direto. Novo produto na pauta, quase todos os seus negócios registrados foram com o Paraguai. A indústria de máquinas para a construção também apresentou desempenho exportador positivo, particularmente o setor de escavadores e carregadores, mais representativos itens do rol de equipamentos comercializados com o exterior: expansão de 31,1% em relação a 2016, sendo Argentina, Peru, México e Chile os principais destinos.

A expansão do setor de veículos automotores deu-se, principalmente, pelo aumento do número de automóveis e caminhões montados no Estado. Segundo estimativas da ANFAVEA, a produção de veículos automotores no Paraná, de todas as categorias, cresceu 14,9% na comparação anual. O número de licenciamentos de automóveis nacionais novos variou 13,9%, no primeiro ano de expansão do mercado nacional desde 2013. No mesmo período, houve incremento de 2,9% no licenciamento de caminhões, 4,3% no de veículos comerciais leves e 5,4% no de ônibus. O setor externo contribuiu com a produção paranaense, especificamente por meio das vendas para a Argentina, destino de 80,3% dos automóveis no ano passado. Foram exportados, no total, 77.216 automóveis com capacidade para até seis passageiros e dotados de motores entre 1.500 e 3.000 centímetros cúbicos. Essa quantidade foi 30,3% superior à registrada em 2016 e a maior desde 2013. Destacaram-se também os embarques de veículos com capacidade de carga igual ou inferior a cinco toneladas, que cresceram 16,7%. Sem surpresas, a Argentina recebeu 80,0% desses veículos.

Por outro lado, a indústria estadual apresentou declínio anual nos setores de alimentos (-1,1%), coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-2,0%), outros produtos químicos (-5,7%) e máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-2,6%). A fabricação de alimentícios retrocedeu pelo declínio dos volumes de rações e preparações para animais, bem como de açúcares cristal e *very high polarity* (VHP). A diminuição da quantidade produzida de ração concentrou-se no primeiro semestre, quando a claudicante renda das famílias combinou-se à deflagração da Operação Carne Fraca, que desestimulou o consumo interno e externo. O processamento das misturas destinadas ao gado de corte foi o mais atingido, mas o volume das dirigidas à alimentação suína e do gado de leite também apresentou reduções. A fabricação de derivados de cana-de-açúcar apresentou comportamento condizente com a redução da área plantada no Estado.

A redução na produção de diesel e de álcool etílico foi determinante na retração do refino, enquanto a queda na fabricação de outros produtos químicos foi creditada a menores

volumes de amônia, éter metil terciário butílico (MTBE) e ureia processados. Amônia e ureia têm como matéria-prima resíduo asfáltico fornecido pela Refinaria Presidente Getúlio Vargas (REPAR), em Araucária. Informações da Agência Nacional do Petróleo (ANP) dão conta de que sua produção de asfalto caiu 1,2% em 2017. O atual patamar de beneficiamento (308,2 mil m³ anuais) é bastante inferior ao pico da série histórica, alcançado em 2010 (466,2 mil), retração influenciada pela queda de atividade na construção civil. Este é um elemento depressivo também para a fabricação de material elétrico de instalação, ramo significativo da indústria eletroeletrônica do Estado.

As informações sobre o nível de atividade, providas pela Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP), corroboram o panorama de recuperação. A média de utilização da capacidade instalada (UCI) paranaense alcançou 70,8% em 2017, considerados os meses entre janeiro e novembro, inclusive. Esse indicador apresentou elevação de 1,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. Na mesma comparação temporal, as vendas industriais reais cresceram 2,7%, e o número de horas trabalhadas, 9,3%. São dados que inspiram otimismo, apesar da alta ociosidade. O fato de que os setores mais dinâmicos da nossa indústria em 2017 dependam de subsídios e barreiras comerciais indefensáveis tornam estultas quaisquer previsões de desempenho futuro. Ressalve-se, ainda, que são desconhecidas as estratégias das montadoras de veículos automotores, máquinas e equipamentos para a abertura comercial que tratados em negociação – União Europeia e Canadá, entre outros – promoverão ao longo deste ano e do vindouro.

O mercado externo mostrou-se, desde o início do ciclo recessivo 2014-2016, receptivo à produção da indústria de transformação. Período prolongado de juros historicamente baixos em economias avançadas, com vistas ao combate da deflação, promoveu crescimento. Relatório de final de ano da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) estimou a expansão da economia mundial em 3,1% em 2016 e 3,6% em 2017. O documento prevê que o ciclo continuará positivo em 2018, com elevação de 3,8%, mas ressalva que as sete maiores economias do mundo apresentam taxas de investimento líquido abaixo do patamar de 2007.

Estímulo vital para a difusão do crescimento industrial provirá de mais vigor da construção civil nacional. Este setor encontra-se estagnado, a despeito da queda nas taxas de juros, maior oferta de crédito a pessoas físicas, redução de estoques, atualização na legislação trabalhista e criação da Letra Imobiliária Garantida (título de renda fixa garantido por ativos imobiliários). O segmento residencial estruturou-se, na última década, sobre insustentáveis subsídios federais combinados à exposição da Caixa Econômica Federal a parâmetros de risco incompatíveis com os impostos pelo terceiro estágio do Acordo de Basileia. Ademais, o modelo de distrato praticado desincentivou incorporadoras e construtoras, que dependem de legislação menos benevolente com agentes que veem os contratos como acordos de opção de compra.

Sob a perspectiva da formação bruta de capital, para além da significativa ociosidade da capacidade instalada, conspiram contra a recuperação elevados patamares de endividamento corporativo, a despeito de substanciais renegociações bancárias realizadas no último triênio, assim como a dependência de incentivos fiscais e para fiscais. Ainda são entraves a um ciclo virtuoso da construção civil as históricas fragilidades do setor público: arcabouço jurídico que transforma mesmo a mais prosaica execução orçamentária em um *tour de force* legal, fragilidade técnica, corrupção e resistência a concessões e privatizações de serviços públicos.

De acordo com a matriz insumo-produto do Paraná, os ramos industriais mais beneficiados por fortalecimento da construção civil no Estado seriam os de automóveis e utilitários, tintas e vernizes, caminhões e ônibus, material eletrônico e de comunicações, material elétrico, borracha e plástico, minerais não metálicos e cimento.¹

¹ KALLUF, S.; KURESKI, K. Análise dos Impactos na Economia Paranaense: uma aplicação do modelo insumo-produto. **Caderno Ipardes**, Curitiba: Ipardes, v.4, n.1, p.1-38. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/cadernoipardes/articled/view/689/936>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

AS EXPORTAÇÕES DAS COOPERATIVAS PARANAENSES

Guilherme Amorim*

O ano de 2017 foi marcado pela maior safra de grãos do País e do Paraná. Sobressaíram-se os inéditos volumes colhidos de soja e milho, que capitalizaram os produtores, prejudicados com a estiagem da safra 2016. O panorama benfazejo não foi, contudo, amparado pelas cotações internacionais. Informações do Banco Mundial dão conta de que, em 2017, o preço médio da soja retrocedeu 1,3% frente ao registrado no ano anterior, enquanto o do milho caiu 2,8%. A demanda dos principais mercados consumidores, a despeito de seus elevados estoques, se manteve nos mesmos patamares de 2016.

As aquisições chinesas, que balizam o comércio de soja, expandiram-se 3,7% em relação à quantidade importada em 2016, de acordo com estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês). Houve, ainda, incrementos nas compras da União Europeia (4,6%), México (4,2%) e Japão (3,9%). O México tornou-se o maior demandante global de milho em 2017, ao apresentar crescimento de 8,8% sobre o volume importado no ano anterior, segundo dados das Nações Unidas. No mesmo período, o Japão importou volume 0,2% inferior. Dados preliminares da entidade sugerem que a queda na demanda de alguns mercados foi mais do que compensada pelos países compradores.

Neste cenário, em que o Paraná desponta como estado com a segunda maior quantidade produzida das culturas citadas, depois do Mato Grosso, o protagonismo coube – mais uma vez – às cooperativas. Essa relevância se dá tanto pelo papel de organização e comercialização dos grãos, como por sua crescente capacidade de agregar valor à produção. Esse avanço pode ser percebido na pauta de exportação dessas entidades que têm sede no Estado. Embora os produtos básicos respondam, inquestionavelmente, pela maior parte das receitas, o contínuo incremento na industrialização tem provido as cooperativas de gama de produtos com margens de lucratividade menos oscilantes. Convém ressaltar ainda que seu principal produto básico exportado, carne de frango congelada, fresca ou refrigerada (tabela 1), demanda estrutura sofisticada de processamento – que por muito perpassa o abate – para conferir ao produto competitividade internacional.

O complexo carnes atualmente responde por 41,6% da exportação dessas organizações. O processamento é praticamente restrito a aves e suínos. A verticalização dessa produção tem exigido, para além de investimentos em armazenamento, transporte e ampliação das unidades de abate, a construção de fábricas de ração – nas quais o milho é o principal insumo.

O processo de agregação de valor pode ser percebido pela elevação do valor aferido de manufaturados em vendas internacionais. Essa categoria apresentou expansão de 7,2% em relação ao montante de 2016, expansão amparada pelos embarques de açúcar refinado, que cresceram 92,1%. Os embarques de açúcar foram beneficiados pelo crescimento da demanda tanto de compradores tradicionais (Malásia e Argélia) quanto de reingressantes (Irque). Entre os manufaturados, os produtos mais relevantes do rol são as preparações e conservas de carne de frango. O acesso destes ao mercado externo, contudo, foi tolhido pelas posições preventivas – e eventualmente protecionistas – de compradores após a deflagração da Operação Carne Fraca. Nenhuma cooperativa participou das irregularidades no Sistema de Inspeção Federal (SIF), mas o dano à imagem do Brasil prejudicou os produtores probos. Neste cenário, a elevação de 42,2% na exportação de carne suína por parte das cooperativas paranaenses revela a alta credibilidade que detêm internacionalmente, para além da eficiência de suas estruturas.

* Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

TABELA 1 - EXPORTAÇÕES DE COOPERATIVAS PARANAENSES, POR FATOR AGREGADO - 2016-2017

FATOR AGREGADO	ANO		Var. (%)
	2016 (US\$)	2017 (US\$)	
PRODUTOS BÁSICOS	1 706 671 425	2 285 880 340	33,94
Carne de frango congelada, fresca ou refrigerada, inclusive miúdos	620 163 578	862 872 101	39,14
Soja, mesmo triturada	344 440 322	648 634 330	88,32
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	493 214 849	480 008 098	-2,68
Carne de suíno congelada, fresca ou refrigerada	75 752 493	107 737 858	42,22
Milho em grãos	53 924 884	100 046 479	85,53
Carnes salgadas, incluídas as de frango	99 614 724	63 495 708	-36,26
Miudezas de animais, comestíveis	5 345 598	7 437 251	39,13
Tripas e buchos de animais, frescos, salgados ou secos	5 414 226	4 378 047	-19,14
Mate	3 177 468	722 268	-77,27
Órgãos e substâncias de animais, para preparação de produtos farmacêuticos	842 186	650 929	-22,71
Café cru em grão	1 579 156	93 760	-94,06
Demais produtos básicos	3 201 941	9 803 511	206,17
PRODUTOS SEMIMANUFATURADOS	239 936 174	240 523 199	0,24
Óleo de soja em bruto	145 968 486	133 559 614	-8,50
Açúcar de cana, em bruto	90 946 054	105 307 081	15,79
Óleo de milho, em bruto	2 985 634	1 656 504	-44,52
Demais produtos semimanufaturados	36 000	-	-
PRODUTOS MANUFATURADOS	87 773 770	94 115 144	7,22
Preparações e conservas, de carne de frango	49 840 866	41 371 501	-16,99
Açúcar refinado	19 139 075	36 765 096	92,09
Adbulos ou fertilizantes, contendo nitrogênio, fósforo e potássio	6 094 716	4 180 624	-31,41
Etanol	-	2 533 964	-
Enchidos de carne	6 607 382	2 236 940	-66,14
Produtos hortícolas preparados ou conservados em ácido acético	-	747 674	-
Refrigerantes e outras bebidas não alcoólicas, exceto sucos	262 717	290 593	10,61
Fios de algodão	362 114	207 077	-42,81
Óleo de soja refinado	683 288	203 413	-70,23
Sacos para embalagem, de matérias têxteis	57 436	96 696	68,35
Leite e creme de leite concentrado	92 512	95 097	2,79
Preparações e conservas, de carne bovina	40 085	86 233	115,13
Demais produtos manufaturados	4 593 579	5 300 236	15,38
TOTAL	2 034 381 369	2 620 518 683	28,81

FONTE: MDIC – SECEX

Entre os acordos comerciais presentemente negociados pelo Brasil, quatro deles, em muito diferentes estágios de formulação, tornarão o acesso a esses mercados mais previsível. O mais significativo e complexo deles é o discutido com a União Europeia (UE) há vinte anos. Qualquer tratado comercial sofre resistência dos agricultores e pecuaristas do bloco, sobretudo dos ligados à cadeia de proteína animal. Ciosos dessa oposição, negociadores europeus ressaltam o potencial do Mercosul para os produtores de vinhos, espumantes, frutas, queijos e demais laticínios. Caso que bem ilustra as possibilidades associadas à abertura desse mercado é o das compras de carne de frango por parte da Alemanha, maior importador mundial. Fornecedores do bloco responderam por 95,5% da quantidade adquirida em 2017, de acordo com dados das Nações Unidas. O Brasil é seu principal fornecedor não europeu, responsável por 3,1% das entradas.

A perspectiva de conclusão do tratado com a UE incentivou as negociações com a Associação Europeia de Livre Comércio (EFTA, na sigla em inglês), bloco formado por Islândia, Liechtenstein, Noruega e Suíça. Exportadores de máquinas e equipamentos desses países receiam perder participação no Mercosul para concorrentes da EU, enquanto os agricultores previsivelmente repelem qualquer abertura.

A ampliação do Acordo com o México tem o objetivo de contemplar com descontos tarifários leque de três mil produtos. Presentemente, 792 têm trânsito privilegiado. O corte de tarifas, contudo, sofre resistência de produtores mexicanos, que acreditam serem discriminados por parâmetros técnicos e sanitários descabidos. O fato de o País ter aceitado a regionalização da produção de carnes é um bom sinal para as cooperativas paranaenses.

Importadores mexicanos têm diminuído sua exposição a fornecedores estadunidenses desde que o protecionismo de seus vizinhos ganhou contornos histriônicos no início do ano passado. Esse desvio de comércio tende a beneficiar países da Aliança do Pacífico e do Mercosul, particularmente nas transações de *commodities* agropecuárias. Informações do Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI) mostram que o México, para além do milho, adquire dos Estados Unidos volumes consideráveis de trigo, arroz, soja, carnes e leite.

Ainda sem troca de propostas, o acordo entre Brasil e Canadá também foi impulsionado pela política comercial estadunidense. A balança comercial canadense revela que grandes volumes de laranja e carnes são importados, principalmente dos Estados Unidos. As exportações paranaenses para o Canadá têm sido dependentes do volume de açúcar embarcado. Essa mercadoria respondeu por 69,4% do valor comercializado com o país em 2017 e 84,2% no anterior, de acordo com informações da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX). As tratativas preliminares não identificaram grandes entraves à abertura, com poucos produtos sensíveis.

Os investimentos das cooperativas exigem que o setor público proveja respostas e elimine obstáculos à exportação. As negociações internacionais e as ações legais contra medidas protecionistas, a cargo do Itamaraty e do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, com respaldo técnico do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, foram intensificadas no ano passado. No âmbito estadual, a criação da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (ADAPAR) em 2011 atendeu à demanda por mais agilidade na fiscalização sanitária. A agência também tem reduzido a burocracia envolvida, algo comprovado pela concessão *online* de guias de trânsito animal para bovinos e búfalos, sistema implantado no final do ano passado. Investimentos no Porto de Paranaguá e seu entorno também têm visado atender à crescente demanda eficazmente.

Os custos logísticos continuarão a ser, no curto prazo, inadequados à exportação de mercadorias negociadas com margens estreitas de lucratividade. As concessões licitadas pela União por meio do Programa de Parcerias de Investimento (PPI) foi passo na direção correta. A fiscalização sobre sua execução e a dúbia capacidade do governo de galivar regulação coerente tornam incerta sua eficácia.

AGROINDÚSTRIA

Alegria aumentará abates e ampliará linha de produtos

O frigorífico de carne suína Alegria, implantado em Castro (Região Centro-Oriental Paranaense), planeja elevar – até o final do ano – o número diário de abates, de 3,2 para 3,5 mil animais. A companhia tem, ainda, a expectativa de expandir a produção de industrializados, de duas para três mil toneladas mensais. Parcela dos industrializados é comercializada sob a marca de outras companhias. A Alegria também distribui carne *in natura* e processada para redes de lanchonetes e restaurantes. O frigorífico é fruto de sociedade entre as cooperativas Capal, Castrolanda e Frísia. Em três anos de funcionamento, foram investidos R\$ 300 milhões, capital parcialmente financiado pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

A expectativa é de que o aumento dos abates permita a expansão das exportações, que respondem por aproximadamente 30% do faturamento da empresa. No ano passado, a Alegria registrou faturamento de R\$ 512,4 milhões. A estimativa é de alcançar R\$ 600 milhões em 2018.

MENDES, Luiz Henrique. Alegria refaz planos e prevê chegar a R\$ 1 bi só em 2021. *Valor Econômico*, São Paulo, 17 jan. 2018. Empresas, p. B8.

Novas granjas de suínos

A implantação de 128 novas granjas de suínos associadas à C. Vale permitiu que a cooperativa fornecesse, em 2017, quantidade inédita de suínos à Frimesa. Esta empresa é resultante de sociedade entre a C. Vale e quatro outras cooperativas: Copabril, Copacol, Lar e Primato.

A Frimesa processou 46,1 mil toneladas de carne suína no ano passado, crescimento de 17,5% em relação a 2016.

C. VALE bate recorde de suínos abatidos. *Valor Econômico*, São Paulo, 15 fev. 2018. Empresas, p. B10.

INDÚSTRIA

Usina do Grupo Asperbras funcionará a partir de março

Implantada em Guarapuava, na Região Centro-Sul Paranaense, a usina termelétrica do Grupo Asperbras iniciará suas operações em março. As caldeiras serão alimentadas por resíduos florestais e gerarão 10 megawatts. O grupo inaugurará no mesmo período fábrica de *medium density fiberboard* (MDF) em Água Clara (MS). A expectativa da empresa é de que os ganhos da usina paranaense mais do que compensem os dispêndios com energia de sua planta sul-matogrossense.

DAL MOLIN, Giorgio. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 18 jan. 2018. Agronegócio. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/agricultura/agroenergia/usina-de-biomassa-do-parana-vai-garantir-700-novos-empregos-no-ms-5gwdoeodl88thwifw0tii0n91>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

Neodent construirá nova fábrica

Indústria de implantes dentários, a Neodent investirá R\$ 140 milhões na construção de sua segunda planta, em Curitiba. O plano prevê que a nova unidade ocupe 10 mil m². Prevê-se que o volume anualmente produzido cresça de 1,8 milhão para 2,3 milhões de peças. Serão alocados, ainda, R\$ 60 milhões na ampliação e modernização da fábrica em funcionamento e na edificação de um centro de armazenamento e distribuição.

A companhia exportou aproximadamente 35% de sua produção em 2017, principalmente para os Estados Unidos. A Neodent é controlada pela Stramann, empresa de capital suíço, e tem a expectativa de que suas vendas se elevem 10% em 2018.

FRIAS, Maria Cristina. *Sorriso internacional*. Folha de S. Paulo, 23 fev. 2018. Mercado, p. 2.

* Elaborado com informações disponíveis entre 19/12/2017 e 28/02/2018.

** Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

SERVIÇOS

Fusão de empresas de *software*

A Virtual, fornecedora paranaense de *software* para gerenciamento de apólices de seguros, se fundirá à sua congênere Sistemas Seguros, sediada em São Paulo. A empresa resultante da aglutinação operará sob novo nome, ainda indefinido. Em 2017, o faturamento combinado das duas companhias alcançou R\$ 23 milhões, e estima-se que cresça 30% no ano corrente. O *software* dessas duas empresas foi responsável pela administração de cerca de 4 milhões de apólices no ano passado.

SISTEMAS Seguros e Virtual. Valor Econômico, São Paulo, 15 jan. 2018. Empresas, p. B1.

ECONOMIA PARANAENSE – INDICADORES SELECIONADOS

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1985-2018

continua

ANO	ARROZ			BATATA-INGLESA			CAFÉ		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1985	200 000	296 000	1 480	38 992	497 522	12 760	424 000	318 000	750
1986	140 000	206 000	1 411	40 509	416 596	10 284	422 825	120 000	284
1987	202 923	342 844	1 690	50 155	662 129	13 202	430 000	510 000	1 186
1988	188 615	316 732	1 679	49 464	654 282	13 227	505 581	114 000	226
1989	163 633	295 698	1 807	39 622	502 158	12 673	493 324	267 039	541
1990	151 003	253 501	1 679	41 285	616 498	14 933	426 391	156 702	368
1991	121 297	163 056	1 909	41 650	653 824	15 698	383 355	201 922	527
1992	134 000	217 200	1 621	43 925	683 500	15 561	296 000	108 000	365
1993	127 500	232 500	1 824	40 800	624 872	15 315	230 000	100 000	435
1994	105 301	217 466	2 065	45 069	643 865	14 286	184 351	81 990	445
1995	108 600	225 000	2 072	43 038	620 300	14 413	13 750	7 350	535
1996	96 300	205 000	2 129	49 236	716 000	14 542	134 000	67 000	500
1997	85 487	176 057	2 059	45 399	665 840	14 666	127 895	109 630	858
1998	80 521	170 080	2 113	43 510	571 854	13 143	128 127	135 707	1 060
1999	81 894	186 880	2 282	41 931	615 832	14 687	136 642	141 813	1 038
2000	79 823	179 885	2 254	36 448	648 376	17 789	142 118	132 435	932
2001	78 568	186 678	2 376	32 661	594 124	18 191	63 304	28 299	447
2002	75 717	185 245	2 447	33 782	659 353	19 518	129 313	139 088	1 076
2003	71 543	193 493	2 705	30 527	609 007	19 950	126 349	117 274	928
2004	68 051	182 090	2 676	29 336	580 350	19 783	117 376	152 260	1 297
2005	59 607	137 050	2 299	27 513	529 977	19 263	106 303	86 417	813
2006	59 287	171 913	2 900	28 239	585 310	20 727	100 973	139 376	1 380
2007	54 197	174 254	3 215	27 338	600 666	21 972	97 623	103 698	1 062
2008	47 019	172 737	3 674	27 740	680 160	24 519	96 804	157 882	1 631
2009	43 790	167 628	3 828	26 438	547 681	20 716	85 315	87 655	1 027
2010	40 455	166 848	4 124	30 079	727 433	24 184	82 831	138 963	1 678
2011	38 856	192 020	4 942	31 175	793 754	25 461	74 854	110 728	1 479
2012	35 035	177 841	5 076	29 182	746 480	25 580	66 811	90 614	1 356
2013	32 827	175 910	5 359	27 475	717 415	26 112	65 151	99 747	1 531
2014	29 581	158 840	5 370	30 041	832 428	27 710	33 366	33 633	1 008
2015	27 365	163 551	5 977	30 607	835 884	27 310	43 569	79 520	1 825
2016	26 010	117 106	4 502	30 400	777 033	25 560	46 200	65 283	1 413
2017 ⁽¹⁾	25 101	166 008	6 614	33 794	933 300	27 617	43 239	72 766	1 693
2018 ⁽¹⁾	23 590	149 359	6 331	30 122	859 031	28 518	37 929	61 778	1 629

ANO	CANA-DE-AÇÚCAR			CEVADA			FEIJÃO ⁽²⁾		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1985	140 878	10 425 000	74 000	36 297	65 512	1 722	723 764	499 617	690
1986	160 000	11 600 000	72 500	27 600	60 000	2 174	627 604	215 701	344
1987	160 420	11 911 431	74 252	40 670	92 000	2 262	754 210	391 355	519
1988	156 497	11 856 032	75 759	42 498	49 485	1 164	741 920	457 692	617
1989	153 539	11 401 852	74 260	40 402	102 351	2 532	528 741	223 031	422
1990	159 417	11 736 412	73 621	28 213	50 844	1 802	550 591	279 028	507
1991	172 296	12 500 000	72 550	22 974	31 052	1 352	624 036	348 332	558
1992	184 000	13 350 000	72 554	17 700	43 326	2 448	595 894	461 162	774
1993	196 000	14 000 000	71 429	23 946	48 860	2 040	545 800	444 000	813
1994	215 796	15 945 937	73 894	14 207	27 975	1 969	589 479	526 209	893
1995	255 000	18 870 000	74 000	20 235	30 800	1 515	487 309	422 451	867
1996	294 000	23 000 000	78 231	26 110	85 430	3 272	596 125	490 854	823
1997	306 000	24 500 000	80 065	36 971	106 030	2 868	557 123	475 458	853
1998	310 344	26 640 767	85 843	42 957	84 371	1 964	564 537	494 556	876
1999	338 939	27 016 957	79 710	31 864	78 722	2 471	680 317	570 097	838
2000	327 147	23 190 410	70 887	32 135	69 146	2 152	541 082	500 948	926
2001	337 574	27 156 281	80 445	40 456	76 209	1 884	428 343	470 214	1 098
2002	358 312	28 120 716	78 481	46 750	77 862	1 665	526 457	629 059	1 195
2003	375 698	32 721 425	87 095	53 479	184 786	3 455	544 906	718 084	1 318
2004	398 969	33 552 515	84 098	53 819	167 450	3 111	503 585	664 333	1 319
2005	397 825	28 011 069	70 411	54 712	127 661	2 333	435 201	554 670	1 275
2006	444 723	34 461 627	77 490	31 745	106 891	3 367	589 741	819 094	1 389
2007	554 855	46 539 991	83 878	46 679	134 414	2 880	545 239	769 399	1 411
2008	601 656	50 958 155	84 696	36 551	150 241	4 110	508 273	776 971	1 529
2009	644 914	54 756 307	84 905	45 017	125 229	2 782	643 288	787 180	1 224
2010	652 005	55 077 630	84 553	48 824	180 804	3 734	520 798	792 010	1 521
2011	645 088	49 846 477	77 301	51 062	194 441	3 812	521 196	815 280	1 564
2012	652 041	49 840 398	76 438	51 112	158 445	3 100	478 532	700 545	1 464
2013	663 336	49 486 416	74 602	46 422	191 624	4 128	484 568	673 783	1 390
2014	677 293	50 025 094	73 860	53 226	188 787	3 547	515 110	805 941	1 565
2015	672 590	51 315 949	76 296	49 763	133 199	2 705	405 665	711 823	1 755
2016	663 483	47 445 019	71 509	42 390	207 312	4 891	393 685	593 348	1 507
2017 ⁽¹⁾	645 712	44 619 775	69 102	50 343	167 113	3 319	449 950	719 357	1 599
2018 ⁽¹⁾	642 916	47 404 526	73 734	394 852	688 467	1 744

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1985-2018

conclusão

ANO	FUMO			MANDIOCA			MILHO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1985	19 150	35 980	1 879	85 800	1 722 864	20 080	2 332 840	5 803 713	2 488
1986	18 300	27 914	1 525	85 800	1 700 000	19 814	2 300 000	4 300 000	1 870
1987	23 150	40 800	1 762	85 445	1 853 950	21 698	2 846 000	7 641 800	2 685
1988	22 520	44 482	1 975	85 242	1 855 328	21 765	2 269 862	5 558 805	2 449
1989	22 827	41 972	1 839	77 349	1 622 846	20 981	2 137 234	5 296 080	2 478
1990	22 502	40 315	1 792	101 854	2 184 599	21 448	2 079 784	5 160 823	2 481
1991	22 865	41 494	1 815	102 265	2 261 788	22 117	2 358 797	4 827 112	2 046
1992	31 085	61 000	1 962	100 000	2 100 000	21 000	2 610 000	7 370 000	2 824
1993	35 364	67 141	1 899	137 000	3 014 000	22 000	2 703 000	8 158 000	3 018
1994	32 768	63 027	1 923	157 625	3 419 935	21 700	2 512 859	8 162 472	3 248
1995	32 588	52 638	1 615	144 000	3 168 000	22 000	2 727 800	8 960 400	3 285
1996	34 446	59 529	1 728	115 232	2 500 000	21 695	2 463 000	7 911 000	3 212
1997	41 163	74 493	1 810	144 500	2 600 000	17 993	2 503 003	7 752 217	3 097
1998	38 624	57 273	1 483	149 934	3 241 800	21 622	2 229 524	7 935 376	3 559
1999	36 116	68 076	1 885	164 258	3 446 805	20 984	2 520 818	8 777 465	3 482
2000	33 910	64 548	1 904	182 850	3 779 827	20 672	2 233 858	7 367 262	3 298
2001	34 736	68 594	1 975	172 815	3 614 859	20 918	2 820 597	12 689 549	4 499
2002	41 890	82 303	1 965	142 892	3 463 968	24 242	2 461 816	9 857 504	4 004
2003	53 292	100 768	1 891	108 097	2 476 346	22 909	2 843 704	14 403 495	5 065
2004	67 128	134 100	1 998	150 217	2 956 771	19 683	2 464 652	10 953 869	4 444
2005	78 890	153 126	1 941	166 885	3 346 333	20 052	2 003 080	8 545 711	4 266
2006	83 602	155 533	1 860	169 705	3 789 166	22 328	2 507 903	11 697 442	4 664
2007	79 173	158 700	2 004	173 235	3 762 445	21 719	2 730 179	13 835 369	5 068
2008	73 428	148 037	2 016	149 350	3 449 726	23 098	2 969 632	15 414 362	5 191
2009	75 774	151 063	1 994	175 709	4 200 910	23 908	2 783 036	11 159 845	4 010
2010	79 266	161 137	2 033	172 214	4 012 948	23 312	2 261 992	13 540 981	5 986
2011	80 211	171 837	2 142	184 263	4 179 245	22 688	2 470 694	12 441 626	5 036
2012	70 376	156 834	2 229	159 115	3 869 080	24 316	3 013 870	16 516 036	5 480
2013	70 901	157 997	2 228	156 797	3 774 184	24 071	3 031 691	17 353 450	5 724
2014	76 291	172 346	2 259	151 562	3 672 738	24 233	2 558 644	15 807 349	6 178
2015	76 586	180 378	2 355	143 034	3 958 983	27 679	2 465 012	16 223 473	6 581
2016	73 696	147 991	2 008	132 413	3 633 430	27 440	2 619 319	13 489 032	5 150
2017 ⁽¹⁾	75 019	194 359	2 591	129 475	3 078 599	23 778	2 925 341	18 213 279	6 226
2018 ⁽¹⁾	79 637	188 669	2 369	127 015	3 290 575	25 907	2 481 423	15 324 556	6 176

ANO	SOJA			TOMATE			TRIGO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1985	2 196 370	4 413 000	2 009	1 295 548	2 696 023	2 081
1986	1 745 000	2 600 000	1 490	1 947 000	2 950 000	1 115
1987	1 718 000	3 810 000	2 218	1 717 500	3 300 000	1 921
1988	2 123 379	4 771 264	2 247	1 773 797	3 250 000	1 832
1989	2 399 993	5 031 297	2 096	1 829 680	3 207 000	1 753
1990	2 267 638	4 649 752	2 050	1 359	54 297	39 954	1 197 149	1 394 052	1 164
1991	1 972 538	3 531 216	1 790	1 494	62 054	41 535	1 082 358	1 825 959	1 687
1992	1 794 000	3 417 000	1 905	1 400	58 287	41 634	1 220 000	1 600 000	1 311
1993	2 076 000	4 817 000	2 320	1 464	62 605	42 763	696 000	1 023 000	1 470
1994	2 154 077	5 332 893	2 476	1 691	74 453	44 029	599 070	1 012 439	1 690
1995	2 199 720	5 624 440	2 557	2 068	87 535	42 328	579 000	960 000	1 658
1996	2 392 000	6 448 800	2 696	2 815	121 508	43 164	1 024 480	1 977 030	1 930
1997	2 551 651	6 582 273	2 580	2 238	89 937	40 186	899 024	1 629 226	1 812
1998	2 858 697	7 313 460	2 558	2 492	101 895	40 889	893 302	1 509 420	1 690
1999	2 786 857	7 752 472	2 782	2 457	105 552	42 960	707 518	1 446 782	2 045
2000	2 859 362	7 199 810	2 518	2 594	116 092	44 754	437 761	599 355	1 369
2001	2 821 906	8 628 469	3 058	3 032	137 509	45 353	873 465	1 840 114	2 107
2002	3 316 379	9 565 905	2 884	3 474	168 865	48 608	1 035 501	1 557 547	1 504
2003	3 653 266	11 018 749	3 016	3 293	165 394	50 226	1 197 192	3 121 534	2 607
2004	4 007 099	10 221 323	2 551	3 207	161 378	50 321	1 358 592	3 051 213	2 246
2005	4 147 006	9 535 660	2 299	3 532	185 299	52 463	1 273 243	2 800 094	2 199
2006	3 948 520	9 466 405	2 397	3 479	180 014	51 743	762 339	1 204 747	1 580
2007	4 001 443	11 882 704	2 970	4 719	310 338	65 764	820 948	1 863 716	2 270
2008	3 967 764	11 764 466	2 965	4 667	289 630	62 059	1 153 251	3 216 590	2 789
2009	4 077 142	9 410 791	2 308	4 804	300 716	62 597	1 308 782	2 482 647	1 916
2010	4 479 869	14 091 821	3 146	5 025	312 319	62 153	1 172 860	3 419 293	2 916
2011	4 555 312	15 457 911	3 393	5 715	347 528	60 810	1 053 924	2 427 721	2 381
2012	4 454 655	10 924 321	2 452	5 585	338 488	60 607	782 308	2 107 665	2 694
2013	4 754 076	15 924 318	3 350	4 965	285 176	57 437	1 000 099	1 886 948	1 887
2014	5 011 446	14 783 712	2 950	4 792	287 161	59 925	1 388 548	3 792 262	2 731
2015	5 246 532	17 262 381	3 290	4 445	265 674	59 769	1 336 739	3 318 802	2 483
2016	5 453 487	16 852 229	3 090	4 336	245 666	56 657	1 091 245	3 447 429	3 159
2017 ⁽¹⁾	5 271 804	19 830 369	3 762	4 293	254 240	59 222	972 702	2 225 234	2 288
2018 ⁽¹⁾	5 466 036	19 282 875	3 528	4 210	255 424	60 671

FONTES: SEAB/DERAL, IBGE

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Estimativa.

(2) Há três safras de feijão ao longo do ano. A estimativa de 2018 compreende, por enquanto, duas delas.

TABELA 2 - ABATES DE AVES, BOVINOS E SUÍNOS - PARANÁ - 1997-2017

PERÍODO	PESO TOTAL DAS CARÇAÇAS (t)		
	Aves	Bovinos	Suínos
1997	720 154	225 021	189 459
1998	854 517	236 358	193 435
1999	957 237	198 873	229 466
2000	1 041 412	181 113	235 315
2001	1 121 828	197 985	263 451
2002	1 235 681	219 350	333 951
2003	1 344 398	219 774	359 139
2004	1 557 656	276 808	340 645
2005	1 788 481	308 947	367 765
2006	1 856 538	316 897	390 394
2007	2 057 318	295 010	437 152
2008	2 480 908	279 609	454 340
2009	2 489 061	282 220	509 156
2010	2 725 634	338 599	531 514
2011	2 868 973	279 585	629 586
2012	3 033 270	314 986	623 822
2013	3 379 689	333 180	606 446
2014	3 651 564	336 966	611 183
2015	3 994 430	300 325	676 257
2016 ⁽¹⁾	4 094 522	290 105	777 745
Janeiro	333 554	23 448	57 883
Fevereiro	322 393	22 453	60 510
Março	360 057	25 382	66 208
Abril	348 437	22 938	64 690
Maio	355 399	22 216	63 331
Junho	362 652	24 798	65 410
Julho	339 015	21 999	62 937
Agosto	353 048	23 737	68 680
Setembro	324 808	25 211	68 547
Outubro	327 917	24 978	66 290
Novembro	330 341	24 122	66 027
Dezembro	342 102	28 822	67 233
2017 ⁽¹⁾	3 191 699	221 838	609 051
Janeiro	355 392	21 974	64 081
Fevereiro	319 577	20 276	59 692
Março	376 761	24 563	62 954
Abril	329 501	22 382	58 086
Maio	379 711	26 533	76 080
Junho	347 715	25 667	73 421
Julho	354 006	26 087	70 988
Agosto	381 812	27 849	74 245
Setembro	347 224	26 508	69 504

FONTE: IBGE - Pesquisa Trimestral de Abate de Animais

(1) Resultados preliminares.

TABELA 3 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO FATOR AGREGADO - 1980-2018

ANO	BÁSICOS		INDUSTRIALIZADOS				OPERAÇÕES ESPECIAIS		TOTAL (US\$ mil FOB)
			Semimanufaturados		Manufaturados		US\$ mil FOB	Part. (%)	
	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)			
1980	1 525 496	76,47	204 013	10,23	235 955	11,83	29 385	1,47	1 994 849
1981	1 578 294	65,71	250 316	10,42	541 587	22,55	31 827	1,33	2 402 024
1982	1 140 108	68,07	106 669	6,37	409 124	24,43	19 022	1,14	1 674 923
1983	1 012 405	69,20	79 971	5,47	349 526	23,89	21 043	1,44	1 462 945
1984	966 205	52,45	177 247	9,62	671 435	36,45	27 086	1,47	1 841 973
1985	928 902	50,89	175 665	9,62	698 346	38,26	22 551	1,24	1 825 464
1986	688 996	56,59	43 324	3,56	472 821	38,84	12 339	1,01	1 217 480
1987	969 288	59,14	120 707	7,37	533 758	32,57	15 169	0,93	1 638 922
1988	1 167 554	58,21	149 328	7,45	678 177	33,81	10 573	0,53	2 005 632
1989	1 192 665	60,13	178 327	8,99	601 886	30,35	10 462	0,53	1 983 340
1990	1 035 355	55,42	203 537	10,90	618 389	33,10	10 887	0,58	1 868 168
1991	939 248	51,75	179 988	9,96	678 770	37,56	13 223	0,73	1 807 229
1992	1 067 932	50,61	206 642	9,79	822 506	38,98	12 959	0,61	2 110 039
1993	1 191 871	48,04	192 267	7,75	1 081 457	43,59	15 548	0,63	2 481 143
1994	1 459 424	41,62	487 597	13,90	1 538 079	43,86	21 649	0,62	3 506 749
1995	1 439 114	40,34	646 613	18,13	1 463 107	41,01	18 511	0,52	3 567 346
1996	2 081 290	49,02	576 682	13,58	1 562 959	36,81	24 974	0,59	4 245 905
1997	2 524 220	52,01	560 259	11,54	1 740 382	35,86	28 727	0,59	4 853 587
1998	1 918 816	45,38	665 062	15,73	1 614 172	38,18	29 944	0,71	4 227 995
1999	1 735 682	44,14	626 797	15,94	1 528 226	38,86	41 954	1,07	3 932 659
2000	1 661 374	37,81	498 631	11,35	2 158 622	49,12	75 534	1,72	4 394 162
2001	2 280 991	42,87	561 285	10,55	2 416 688	45,42	61 247	1,15	5 320 211
2002	2 384 075	41,80	668 797	11,73	2 576 841	45,18	73 368	1,29	5 703 081
2003	2 985 014	41,70	877 848	12,26	3 217 442	44,95	77 549	1,08	7 157 853
2004	3 908 974	41,56	969 099	10,30	4 437 090	47,18	89 862	0,96	9 405 026
2005	3 297 780	32,87	993 498	9,90	5 608 205	55,89	134 049	1,34	10 033 533
2006	2 931 247	29,26	1 146 938	11,45	5 755 975	57,47	182 177	1,82	10 016 338
2007	4 233 777	34,27	1 318 847	10,68	6 630 908	53,68	169 325	1,37	12 352 857
2008	5 787 485	37,96	1 611 541	10,57	7 540 538	49,46	307 620	2,02	15 247 184
2009	4 985 127	44,42	1 304 406	11,62	4 719 959	42,06	213 335	1,90	11 222 827
2010	5 983 154	42,21	1 800 201	12,70	6 121 495	43,18	270 994	1,91	14 175 844
2011	7 952 480	45,72	2 410 778	13,86	6 645 958	38,21	385 059	2,21	17 394 275
2012	8 356 708	47,19	2 274 620	12,84	6 748 089	38,10	330 174	1,86	17 709 591
2013	9 068 374	49,72	2 099 371	11,51	6 817 117	37,38	254 339	1,39	18 239 202
2014	8 304 081	50,85	1 955 979	11,98	5 819 271	35,63	252 789	1,55	16 332 120
2015	7 649 587	51,31	1 655 686	11,11	5 428 565	36,41	175 242	1,18	14 909 081
2016	7 208 746	47,52	1 948 753	12,85	5 922 066	39,04	91 535	0,60	15 171 100
2017 ⁽¹⁾	8 665 702	47,92	2 434 841	13,47	6 863 735	37,96	118 115	0,65	18 082 394
Janeiro	415 581	43,05	122 864	12,73	416 266	43,12	10 549	1,09	965 261
Fevereiro	542 994	45,48	132 400	11,09	510 482	42,76	8 042	0,67	1 193 919
Março	1 066 408	58,57	142 549	7,83	597 570	32,82	14 138	0,78	1 820 665
Abril	860 083	55,96	145 096	9,44	523 173	34,04	8 584	0,56	1 536 936
Maio	863 277	48,87	314 107	17,78	575 699	32,59	13 482	0,76	1 766 565
Junho	862 392	48,58	244 406	13,77	656 823	37,00	11 564	0,65	1 775 185
Julho	806 840	48,46	257 639	15,47	589 888	35,43	10 678	0,64	1 665 045
Agosto	814 832	48,40	275 517	16,37	581 237	34,52	11 953	0,71	1 683 539
Setembro	769 960	49,94	228 479	14,82	537 861	34,89	5 512	0,36	1 541 811
Outubro	630 695	43,81	209 173	14,53	591 944	41,12	7 655	0,53	1 439 466
Novembro	567 862	41,54	193 835	14,18	596 525	43,67	8 434	0,62	1 367 056
Dezembro	464 777	35,03	168 777	12,72	685 868	51,69	7 525	0,57	1 326 947
2018 ⁽¹⁾	431 944	40,39	164 994	15,43	461 069	43,11	11 447	1,07	1 069 453
Janeiro	431 944	40,39	164 994	15,43	461 069	43,11	11 447	1,07	1 069 453

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 4 - BALANÇA COMERCIAL PARANAENSE E BRASILEIRA - 1995-2018

ANO	PARANÁ (US\$ MIL FOB)			BRASIL (US\$ MIL FOB)		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1995	3 567 346	2 390 291	1 177 055	46 506 282	49 971 896	- 3 465 614
1996	4 245 905	2 434 733	1 811 172	47 746 728	53 345 767	- 5 599 039
1997	4 853 587	3 306 968	1 546 619	52 982 726	59 747 227	- 6 764 501
1998	4 227 995	4 057 589	170 406	51 139 862	57 763 476	- 6 623 614
1999	3 932 659	3 699 490	233 169	48 012 790	49 301 558	- 1 288 768
2000	4 394 162	4 686 229	- 292 067	55 118 920	55 850 663	- 731 743
2001	5 320 211	4 928 952	391 259	58 286 593	55 601 758	2 684 835
2002	5 703 081	3 333 392	2 369 689	60 438 653	47 242 654	13 195 999
2003	7 157 853	3 486 051	3 671 802	73 203 222	48 325 567	24 877 655
2004	9 405 026	4 026 146	5 378 879	96 677 499	62 835 616	33 841 883
2005	10 033 533	4 527 237	5 506 296	118 529 185	73 600 376	44 928 809
2006	10 016 338	5 977 971	4 038 367	137 807 470	91 350 840	46 456 429
2007	12 352 857	9 017 988	3 334 870	160 649 073	120 617 446	40 031 627
2008	15 247 184	14 570 222	676 962	197 942 443	172 984 768	24 957 675
2009	11 222 827	9 620 843	1 601 984	152 994 743	127 722 343	25 272 400
2010	14 175 844	13 956 957	218 887	201 915 285	181 768 427	20 146 858
2011	17 394 275	18 767 763	- 1 373 487	256 039 575	226 246 756	29 792 819
2012	17 709 591	19 387 794	- 1 678 203	242 578 014	223 183 477	19 394 537
2013	18 239 145	19 345 381	- 1 106 236	242 033 575	239 747 516	2 286 059
2014	16 332 120	17 295 813	- 963 693	225 100 885	229 154 463	- 4 053 578
2015	14 909 081	12 448 504	2 460 577	191 134 325	171 449 051	19 685 274
2016	15 171 100	11 092 307	4 078 792	185 235 401	137 552 003	47 683 398
2017 ⁽¹⁾	18 082 394	11 518 546	6 563 848	217 739 177	150 749 453	66 989 724
Janeiro	965 261	958 910	6 351	14 908 251	12 197 812	2 710 439
Fevereiro	1 193 919	851 184	342 735	15 468 687	10 913 268	4 555 419
Março	1 820 665	995 778	824 886	20 073 934	12 937 669	7 136 265
Abril	1 536 936	847 968	688 967	17 679 826	10 716 652	6 963 174
Maio	1 766 565	951 750	814 815	19 789 992	12 129 011	7 660 980
Junho	1 775 185	953 494	821 691	19 779 118	12 595 230	7 183 888
Julho	1 665 045	948 856	716 189	18 758 762	12 473 402	6 285 359
Agosto	1 683 539	1 064 318	619 221	19 470 945	13 879 229	5 591 716
Setembro	1 541 811	1 139 586	402 225	18 659 332	13 488 324	5 171 008
Outubro	1 439 466	972 743	466 723	18 871 943	13 678 840	5 193 104
Novembro	1 367 056	953 231	413 825	16 683 104	13 142 503	3 540 601
Dezembro	1 326 947	880 727	446 220	17 595 284	12 597 512	4 997 772
2018 ⁽¹⁾	1 069 453	907 088	162 365	16 967 794	14 199 352	2 768 442
Janeiro	1 069 453	907 088	162 365	16 967 794	14 199 352	2 768 442

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 5 - ÍNDICES DE PREÇO, DE QUANTUM E DE TERMOS DE TROCA - PARANÁ - 1997-2017

PERÍODO	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		TERMOS DE TROCA
	Índice de Preço	Índice de Quantum	Índice de Preço	Índice de Quantum	
1997	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1998	84,7	102,8	94,2	130,2	89,9
1999	71,6	113,2	91,7	122,0	78,1
2000	71,7	126,3	91,7	154,6	78,2
2001	70,6	155,3	87,4	170,7	80,8
2002	68,1	172,6	88,4	114,1	77,0
2003	72,1	204,7	99,0	106,6	72,8
2004	81,5	238,0	106,2	114,8	76,7
2005	82,4	251,0	118,8	115,4	69,4
2006	87,5	236,1	126,2	143,4	69,3
2007	98,9	257,6	134,6	202,8	73,5
2008	125,9	249,8	179,2	246,1	70,3
2009	112,5	205,7	150,7	193,2	74,7
2010	122,6	238,7	156,0	270,8	78,6
2011	144,7	248,1	179,7	316,0	80,5
2012	143,6	254,6	178,5	328,6	80,4
2013	143,2	263,0	175,6	333,4	81,5
2014	136,2	247,6	170,2	307,5	80,0
2015	113,9	270,3	153,1	246,1	74,4
2016	107,6	291,1	145,4	230,9	74,0
2017	113,7	328,4	149,4	233,3	76,1

FONTE: IPARDES

NOTAS: Base fixa: 1997=100

Elaborado com dados brutos da SECEX-MDIC.

Foram utilizados índices de Fisher.

TABELA 6 - ÍNDICE DE VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA DO PARANÁ - 2000-2017

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2014 = 100)																				
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Jan./16	Fev./16	Mar./16	Abr./16
Combustíveis e lubrificantes	72,1	74,0	86,7	92,4	95,9	93,9	78,4	80,5	82,3	81,5	81,9	78,6	84,9	95,0	100,0	96,8	87,9	87,7	85,8	85,3	86,7
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	65,6	64,1	60,4	58,4	65,1	60,5	64,2	68,4	71,0	74,2	78,4	83,1	91,6	97,0	100,0	98,7	96,9	100,7	94,3	98,6	94,4
Hipermercados e supermercados	65,5	64,4	60,9	58,9	65,7	60,6	64,2	68,4	70,9	74,1	78,2	82,8	91,6	96,9	100,0	98,8	97,5	101,7	95,0	99,3	95,0
Tecidos, vestuário e calçados	84,3	85,2	75,0	78,3	84,0	84,8	83,5	87,9	91,8	91,3	95,7	94,0	99,8	99,9	100,0	90,1	84,5	69,3	61,5	72,0	82,0
Móveis e eletrodomésticos	34,4	32,9	32,3	34,5	44,7	50,5	54,9	61,7	67,8	68,1	79,0	92,3	99,0	103,3	100,0	88,4	77,6	84,3	74,7	75,7	72,1
Móveis	103,0	110,5	106,4	100,0	82,3	75,7	87,0	73,0	74,9	72,9
Eletrodomésticos	84,6	92,4	101,9	100,0	92,2	78,8	82,6	75,9	76,1	71,6
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	29,6	32,6	34,6	36,6	41,6	51,3	61,2	71,3	86,0	95,4	100,0	105,3	103,9	100,6	89,4	112,7	101,8
Livros, jornais, revistas e papeleria	84,3	84,3	81,2	84,6	96,1	105,6	122,0	119,3	115,3	125,1	100,0	87,2	71,0	99,5	94,4	76,6	66,7
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	9,0	15,9	24,1	31,0	61,7	98,3	134,5	141,0	130,3	120,3	100,0	98,3	81,6	80,5	78,1	83,5	75,3
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	29,7	33,9	39,4	43,0	50,6	56,1	65,1	71,0	85,6	93,3	100,0	97,6	86,2	78,8	68,3	80,2	77,3
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	52,7	52,2	51,8	52,3	58,2	57,6	59,3	63,5	68,0	71,5	78,1	83,6	91,9	97,7	100,0	96,8	91,8	92,6	85,8	91,1	88,6

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2014 = 100)																				
	Mai./16	Jun./16	Jul./16	Ago./16	Set./16	Out./16	Nov./16	Dez./16	2017	Jan./17	Fev./17	Mar./17	Abr./17	Mai./17	Jun./17	Jul./17	Ago./17	Set./17	Out./17	Nov./17	Dez./17
Combustíveis e lubrificantes	88,9	89,6	92,9	91,5	86,5	85,7	84,8	89,6	103,3	94,8	92,9	108,2	102,2	106,4	106,2	113,7	106,5	100,8	103,2	101,9	102,8
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	90,1	90,0	94,6	91,7	93,9	96,2	96,0	122,4	100,1	101,0	93,2	98,6	98,3	91,2	92,7	96,6	100,0	103,9	96,8	103,1	125,8
Hipermercados e supermercados	90,4	90,3	95,0	92,0	94,5	96,7	96,7	123,7	95,3	97,7	89,3	92,7	94,2	86,6	88,1	91,6	94,7	98,6	91,7	98,4	120,1
Tecidos, vestuário e calçados	100,5	89,7	79,1	83,0	70,1	76,9	80,3	149,7	80,7	66,1	60,0	72,5	81,6	86,6	85,3	79,4	76,1	74,1	67,7	78,6	140,6
Móveis e eletrodomésticos	78,9	71,7	71,2	71,3	66,3	72,9	86,1	106,2	77,4	78,3	64,3	76,0	65,2	76,5	71,5	74,3	74,3	72,2	75,1	94,1	106,6
Móveis	78,6	69,7	69,6	68,6	65,1	69,7	79,7	100,0	59,3	59,8	44,2	52,7	55,6	61,3	57,2	58,8	58,5	56,9	59,0	69,4	77,8
Eletrodomésticos	79,2	72,9	72,2	73,1	67,1	74,9	90,1	110,2	86,1	51,9	69,4	81,4	72,5	87,9	82,3	86,2	86,4	84,3	87,8	113,2	129,9
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	104,2	101,6	104,9	103,8	100,5	104,0	106,5	117,2	103,5	95,2	88,3	111,4	98,3	106,6	101,9	103,1	106,1	105,8	101,9	105,0	117,9
Livros, jornais, revistas e papeleria	62,4	60,5	63,9	69,4	61,6	44,1	44,4	108,9	62,5	84,2	70,2	67,6	60,6	57,8	54,7	52,4	59,3	49,9	56,6	55,5	80,6
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	74,9	80,7	81,1	82,8	79,5	80,1	87,1	95,0	95,8	32,1	91,2	110,6	100,0	115,9	106,6	99,3	100,4	94,6	95,8	94,9	108,1
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	84,3	81,7	78,7	77,7	72,7	90,3	94,9	149,9	87,4	77,5	66,1	74,8	84,8	80,9	82,3	83,2	83,6	81,7	89,7	101,8	142,8
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	89,7	87,8	89,6	88,2	86,4	90,0	92,1	119,5	95,4	91,3	84,7	94,4	92,7	92	91,6	94,5	95,1	95,4	92,6	99,4	121,6

FONTES: IBGE - Pesquisa Mensal do Comércio

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

TABELA 7 - PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ, SEGUNDO SEÇÕES E ATIVIDADES INDUSTRIAIS - 2004-2017

SEÇÃO/ATIVIDADE (CNAE 2.0) ⁽¹⁾	ÍNDICE (base: média de 2012 = 100)																			
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Jan./16	Fev./16	Mar./16	Abr./16	Mai./16	Jun./16	Jul./16
Indústria de transformação	74,0	77,0	74,0	80,3	88,3	81,0	95,2	113,4	100,0	103,0	97,7	89,1	85,2	71,8	74,8	86,0	85,0	83,8	89,1	93,3
Produtos alimentícios	91,7	88,6	93,7	97,0	94,3	90,1	97,6	104,7	100,0	102,4	96,7	94,3	98,8	71,0	77,0	100,9	104,4	100,6	106,6	113,3
Bebidas	67,5	72,3	82,7	82,0	83,3	86,1	95,8	106,6	100,0	99,7	104,5	113,9	119,4	126,5	121,6	128,9	114,8	90,9	95,4	94,3
Produtos de madeira	130,7	114,7	100,1	94,7	93,2	72,1	79,3	92,4	100,0	117,3	120,9	119,8	124,7	115,2	109,7	128,4	125,1	129,0	127,7	125,6
Celulose, papel e produtos de papel	75,1	80,9	82,4	81,9	95,6	94,8	100,0	109,5	100,0	98,8	103,1	112,9	112,7	102,1	104,8	110,8	108,1	103,5	111,5	123,9
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	82,9	90,9	91,9	88,6	95,0	94,6	86,6	104,5	100,0	97,0	100,7	96,1	81,4	85,0	76,6	80,7	88,4	87,4	89,6	89,2
Outros produtos químicos	153,4	124,1	120,8	134,1	104,9	126,4	108,7	117,2	100,0	103,0	101,5	98,2	89,6	87,9	89,4	75,2	64,6	83,0	102,1	99,9
Produtos de borracha e de material plástico	100,0	109,6	108,0	97,8	95,1	86,3	90,6	99,7	95,1	95,5	101,5	99,2
Minerais não metálicos	70,4	72,8	69,3	73,2	92,7	94,9	99,9	111,3	100,0	110,5	111,5	89,8	73,1	74,0	76,8	78,8	78,4	70,8	73,0	79,0
Produtos de metal - exceto máquinas e equip.	77,6	75,6	76,3	80,3	85,1	73,7	89,7	105,7	100,0	98,4	96,5	87,3	77,5	66,3	73,6	80,9	71,3	82,5	84,0	79,1
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	63,8	69,0	70,1	77,6	79,5	80,5	85,4	97,2	100,0	104,1	106,1	99,6	93,2	78,2	78,7	99,0	100,2	102,0	101,5	88,4
Máquinas e equipamentos	88,2	74,6	73,2	94,2	103,6	84,6	114,0	115,1	100,0	112,6	98,1	89,8	93,2	51,1	54,6	85,8	67,8	77,5	93,9	103,4
Veículos automotores, reboques e carrocerias	51,5	62,4	49,6	64,7	80,1	58,3	91,8	126,5	100,0	103,8	82,5	55,5	51,7	34,9	48,9	54,4	53,3	47,0	51,6	63,1
Móveis	85,2	80,9	82,5	93,2	85,6	77,8	99,6	103,2	100,0	101,4	94,0	76,2	66,9	69,9	72,5	73,9	67,1	67,0	61,1	59,0

SEÇÃO/ATIVIDADE (CNAE 2.0) ⁽¹⁾	ÍNDICE (base: média de 2012 = 100)																		
	Ago./16	Set./16	Out./16	Nov./16	Dez./16	2017	Jan./17	Fev./17	Mar./17	Abr./17	Mai./17	Jun./17	Jul./17	Ago./17	Set./17	Out./17	Nov./17	Dez./17	
Indústria de transformação	91,0	86,1	90,8	91,2	79,4	88,9	77,3	79,2	91,3	81,3	91,4	90,2	96,2	98,8	93,7	94,7	94,1	79,0	
Produtos alimentícios	107,7	106,3	108,3	103,5	85,5	97,7	82,5	83,9	93,3	90,3	104,8	105,0	115,6	111,9	108,2	97,6	96,1	82,9	
Bebidas	133,3	126,9	133,5	127,4	138,7	124,9	129,1	117,2	136,6	91,4	116,3	100,9	123,9	121,7	123,1	134,9	150,5	153,3	
Produtos de madeira	135,8	134,3	131,7	130,9	102,6	129,8	120,6	109,5	136,6	124,5	131,8	118,9	123,7	137,8	139,9	143,1	139,0	131,9	
Celulose, papel e produtos de papel	116,3	115,0	112,8	124,4	119,7	116,0	100,4	98,7	111,7	103,2	102,3	113,6	129,2	128,6	123,3	124,6	129,0	127,8	
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	69,6	66,1	91,3	82,3	70,5	79,8	69,3	66,5	80,4	79,0	75,8	83,6	93,9	79,4	74,9	90,0	85,4	79,2	
Outros produtos químicos	107,4	112,0	91,2	81,2	81,4	84,5	87,0	70,3	66,7	61,3	81,5	91,1	98,4	117,4	106,9	86,1	77,3	69,9	
Produtos de borracha e de material plástico	109,3	93,5	95,7	91,7	82,7	100,9	91,7	91,7	102,5	95,6	108,5	103,0	103,2	114,6	103,8	108,0	103,4	84,5	
Minerais não metálicos	77,8	60,7	67,6	75,8	64,2	79,1	66,6	70,3	82,2	73,1	84,9	75,4	90,4	92,1	85,4	83,0	76,9	68,4	
Produtos de metal - exceto máquinas e equip.	83,8	78,6	78,7	78,9	72,0	78,1	77,1	76,7	84,8	70,2	79,2	76,5	77,4	82,1	77,5	81,4	83,7	70,4	
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	108,2	88,5	99,5	94,0	79,9	90,2	79,8	81,5	100,6	81,2	81,2	87,6	87,1	104,4	89,4	98,8	108,6	82,6	
Máquinas e equipamentos	121,3	118,3	109,9	125,8	114,9	125,1	106,7	135,3	148,6	117,5	141,2	132,3	132,4	143,3	118,0	132,9	134,3	58,2	
Veículos automotores, reboques e carrocerias	57,6	48,5	50,2	60,8	49,7	60,2	46,3	54,2	67,8	53,3	67,6	58,0	51,6	67,6	69,3	65,6	67,5	53,1	
Móveis	67,1	64,6	65,9	72,6	62,3	69,3	59,6	62,7	68,7	61,3	68,7	64,0	71,1	74,5	72,0	78,1	81,6	69,5	

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal

NOTAS: Índice sem ajuste sazonal.

Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Somente as atividades que apresentam produtos incluídos na amostra.

TABELA 8 - RENDIMENTO HABITUAL REAL E TAXA DE DESOCUPAÇÃO, NO PARANÁ - 2012-2017

TRIMESTRE	RENDIMENTO HABITUAL REAL ⁽¹⁾	TAXA DE DESOCUPAÇÃO (%)
Janeiro-março 2012	2 193	5,6
Abril-junho 2012	2 140	5,3
Julho-setembro 2012	2 210	4,6
Outubro-dezembro 2012	2 164	4,3
Janeiro-março 2013	2 227	4,9
Abril-junho 2013	2 221	4,5
Julho-setembro 2013	2 270	4,2
Outubro-dezembro 2013	2 264	3,7
Janeiro-março 2014	2 301	4,1
Abril-junho 2014	2 271	4,1
Julho-setembro 2014	2 285	4,1
Outubro-dezembro 2014	2 350	3,7
Janeiro-março 2015	2 343	5,3
Abril-junho 2015	2 289	6,2
Julho-setembro 2015	2 281	6,1
Outubro-dezembro 2015	2 203	5,8
Janeiro-março 2016	2 167	8,1
Abril-junho 2016	2 153	8,2
Julho-setembro 2016	2 199	8,5
Outubro-dezembro 2016	2 256	8,1
Janeiro-março 2017	2 239	10,3
Abril-junho 2017	2 191	8,9
Julho-setembro 2017	2 224	8,5
Outubro-dezembro 2017	2 254	8,3

FONTE: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral

(1) Rendimento médio real do trabalho principal, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas. Em R\$ de novembro de 2017.

TABELA 9 - SALDO DO EMPREGO FORMAL - PARANÁ⁽¹⁾ - 1995-2018

ANO	SETORES (número de vagas)						TOTAL
	Indústria	Construção Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Outros/ Ignorado	
1995	-15 192	-2 923	-6 410	602	-1 448	44	-25 327
1996	-7 081	-2 096	-6 691	-16 109	-793	-35	-32 805
1997	4 464	278	6 529	-2 100	-1 000	-708	7 463
1998	-16 127	-3 658	-7 332	-4 695	-3 634	-211	-35 657
1999	3 137	-10 241	582	-1 295	-8 646	-186	-16 649
2000	8 475	-18	7 548	13 733	-1 866	271	28 143
2001	22 087	-6 701	14 536	22 888	1 026	21	53 857
2002	24 035	-1 376	21 872	14 299	-241	-	58 589
2003	18 066	-3 903	24 774	17 345	6 075	13	62 370
2004	49 092	1 417	35 049	30 151	6 938	1	122 648
2005	14 385	2 091	25 183	31 223	962	4	72 374
2006	23 697	5 955	21 205	34 294	1 245	-	86 396
2007	46 524	8 011	30 502	31 571	5 753	-	122 361
2008	22 765	13 713	33 067	35 278	6 080	-	110 903
2009	12 993	8 271	22 755	29 446	-4 381	-	69 084
2010	41 116	17 597	36 111	49 868	-2 209	-	142 483
2011	26 065	10 656	33 269	53 433	493	-	123 916
2012	14 861	5 940	28 922	37 520	1 896	-	89 139
2013	15 600	3 111	28 135	41 308	2 195	-	90 349
2014	- 8 188	3 219	13 507	32 636	- 162	-	41 012
2015	- 47 096	- 16 133	- 12 526	- 2 860	3 067	-	- 75 548
2016	- 24 729	- 14 790	- 7 234	- 11 463	- 1 612	-	- 59 828
2017	6 766	- 7 168	3 899	7 713	917	-	12 127
Jan. 2018	5 628	1 389	- 1 161	5 481	300	-	11 637

FONTE: MTE - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

NOTA: Sinal convencional utilizado:

- Dado inexistente.

(1) Levantamento financiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

TABELA 10 - PRODUTO INTERNO BRUTO DO PARANÁ E DO BRASIL - 2002-2016

ANO	PARANÁ ⁽¹⁾		BRASIL ⁽²⁾	
	Valor (R\$ milhão) ⁽³⁾	Variação Real (%)	Valor (R\$ milhão) ⁽³⁾	Variação Real (%)
2002	88 236	-	1 488 787	-
2003	110 039	4,0	1 717 950	1,1
2004	123 452	5,4	1 957 751	5,8
2005	127 465	0,6	2 170 585	3,2
2006	137 648	1,9	2 409 450	4,0
2007	165 209	7,2	2 720 263	6,1
2008	185 684	4,0	3 109 803	5,1
2009	196 676	- 1,7	3 333 039	- 0,1
2010	225 205	9,9	3 885 847	7,5
2011	257 122	4,6	4 376 382	4,0
2012	285 620	0,0	4 814 760	1,9
2013	333 481	5,5	5 331 619	3,0
2014	348 084	- 1,5	5 778 953	0,5
2015	376 960	- 3,4	5 995 787	- 3,5
2016	402 339	- 2,3	6 259 228	- 3,5

FONTE: IBGE/IPARDES – Contas Regionais do Brasil

NOTA: Nova metodologia, referência 2010.

(1) Os resultados para o Estado do Paraná para o ano de 2016 são estimativas do IPARDES.

(2) Dados do PIB do Brasil de 2016, calculados pelo IBGE, referem-se às Contas Nacionais Trimestrais.

(3) Preços correntes de mercado.



IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL
Rua Cel. Amazonas Marcondes, 336 - CEP 80035230 - Cabral - Curitiba-PR - Tel.: (41) 3210-6345
www.ipardes.gov.br - ipardes@ipardes.gov.br